

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

ENSINO SUPERIOR/EDIFÍCIO ESCOLAR

UNIVERSIDADE DO PORTO ENTRA EM OBRAS

Quatro faculdades e pista de «tartan»

INFRA-ESTRUTURAS CUSTAM

7 MILHÕES DE CONTOS

VÍTOR BASTO
(TEXTO)
GASPAR DE JESUS
(FOTOS)

DENTRO de cinco anos o Porto terá finalmente um ensino universitário virado para o ano 2000. Este optimismo passa apenas pela edificação de várias faculdades e outras infra-estruturas necessárias para a construção de um adequado ensino superior. Para pagar essas obras serão precisos cerca de 7 milhões de contos. O projecto prevê ainda o alargamento dos actuais 17 mil alunos para os 25 mil ideais, em pólos que visa a sua concentração em áreas específicas.

Em conversa com o reitor da Universidade do Porto (UP ficamos a par do que de novo se vai dar ao ensino universitário daquela cidade. O prof. Alberto Amaral disse-nos estar algumas dessas obras quase acabadas.

O que o ensino superior nortenho terá de novo será: uma faculdade de Arquitectura (que custará cerca de meio milhão de contos), uma faculdade de Letras (750 mil contos), um Instituto Superior de Educação Física (800 mil contos), 9 edifícios para a Faculdade de Ciências (um deles será a actual faculdade de Letras; custo aproximado: 2,5 milhões de contos), uma faculdade de Engenharia (4,5 milhões de contos).

Dentro destas construções é de salientar as obras a efectuar no estado universitário, onde o sítio de Rosa Mota será concretizado. Naquele estado estudantil, será colocado um novo refeitório, construído a pista de «tartan» portuguesa, a segunda a ser edificada após a do Maia.

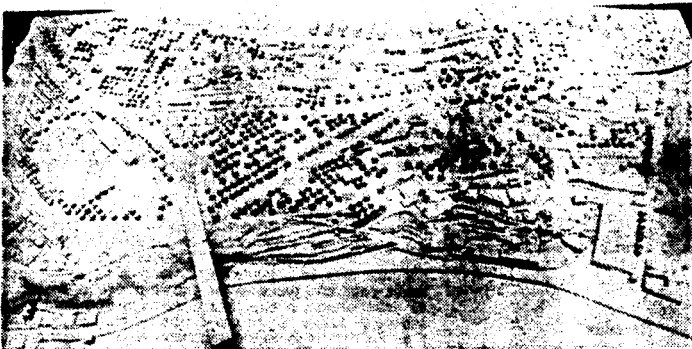
Mas a revolução infra-estrutural do ensino superior no Porto não se fica por aqui. Está em estudo a construção de uma escola superior de Medicina Dentária (basta aguardar a sua integração na Universidade), a edificação do BIC — Business Invention Center, junto à faculdade de Engenharia, e a faculdade de Psicologia.

Tanta obra só traduz uma realidade: a de que estamos a sair de volta de prédios onde os nossos universitários se tornam «doctores».

«situação calamitosa»

De certo modo, é isso que confirma o reitor da Universidade do Porto, Alberto Amaral, refere que «a construção destes novos edifícios está relacionada com três pontos fundamentais: a situação calamitosa em que estão as actuais instalações da Universidade do Porto, a necessidade do alargamento do «número de alunos», a criação de condições dignas para a prática da investigação científica».

Mas a importância destas obras não esgota os mais sérios e problemáticos, se atentarmos à crise violenta que o ministro da Educação, José Carlos de Azevedo, faz sobre a



Estado urbanístico no pólo universitário do Campo Alegre, junto à ponte de Arrábida. Para lá se mudará a Faculdade de Ciências, de Arquitectura, e aliandará o estado universitário com pista de «tartan».

situação actual do ensino português, relacionando-a com a percentagem de frustração existente nos alunos universitários.

No seu discurso, efectuado na abertura solene das aulas da Universidade do Porto, Roberto Carneiro especificou a necessidade de expansão e democratização do ensino superior. Referiu então que a «percentagem da população inscrita no ensino superior é de apenas 11 por cento da taxa etária correspondente, quando nos países da Comunidade Europeia essa taxa se situa entre os 18 e 31 por cento». Garantiu ainda o ministro que «o desenvolvimento do

pólo ficará irremediavelmente comprometido se não conseguirmos, a médio prazo, atingir pelo menos a taxa dos 20 por cento para assim podermos competir com os nossos parceiros comunitários».

Poucos dividiram então de que estas obras a construir no Porto, só acompanhadas em importância pelas que serão edificadas no Alto da Ajuda (construção da Universidade Técnica), pretendem objectivos a curto prazo: aumento dos alunos do ensino universitário, democratizar esse ensino, embora tudo aponte para o aumento do valor das propinas em aproximação aos valores reais de ensino (dado não se

frearem alterações desde 1941), criação de bolsas de estudo, isenção de propinas, bolsas-emprego e contratos de prestação de serviços retribuídos aos alunos sem grandes pressões para o estudo superior.

Diz o ministro da Educação que a institucionalização destas facilidades de estudo visam «atingir o objectivo de nenhum cidadão se ver impedido ou discriminado na frequência do ensino superior por razões estritamente económicas».

Dar meios aos alunos

Os custos destas obras nos três pólos da Universidade do

Porto, segundo o seu reitor, serão pagos pelo orçamento da universidade. As obras do estado universitário (que custarão cerca de 300 mil contos) serão custeadas pela Direcção-Geral dos Desportos em 65 por cento (percentagem igual à oferecida por aquele organismo estatal às obras efectuadas no Estado da Luz e das Antas). Haverá também financiamentos da CEE (para o BIC 100 por cento) do PRDAP (para o Instituto para o Desenvolvimento Agrário da Região Norte) e do Banco Mundial (para o Centro de Metalurgia e Materiais).

«Além das obras a construir — diz Alberto Amaral ao mostrar-nos as maquetas daqueles empreendimentos universitários — há outras em curso: o Centro de Metalurgia e Informática, no Campo Alegre; a Casa Primo Madeira, que será o clube da universidade e sede da Fundação Gomes Teixeira; o parque Auto, junto à Faculdade de Engenharia; e as do estado universitário. Comprámos ainda alguns prédios para instalação da Faculdade de Farmácia e parte de outro para Faculdade de Psicologia».

A comemorar os seus 75 anos, a Universidade do Porto vê assim a possibilidade de renascer. Alberto Amaral diz ser preciso agora começar a trabalhar a sério — para criar alternativas diferentes às do ensino. Além disso refere ser tarefa a desenvolver pela reitoria a elaboração dos estatutos da universidade e a publicação, até ao fim do ano, de um programa de desenvolvimento da Universidade do Porto, que servirá de documento orientador do planeamento da universidade nos próximos anos.

Dia	1
	2
	3
	4
	5
	6
	7
	8
	9
	10
	11
	12
	13
	14
	15
	16
	17
	18
	19
	20
	21
	22
	23
	24
	25
	26
	27
	28
	29
	30
	31



SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

ENSINO SUPERIOR/EDIFÍCIO ESCOLAR

Critica publicação sobre tendências de emprego

Quanto à necessidade de criação de alternativas profissionais aos licenciados sem a formação exclusiva do ensino, Alberto Amaral referiu estar em estudo no Ministério da Educação a futura de uma publicação anual com os dados sobre tendências de emprego.

«Antes de se inscrever numa faculdade — refere Alberto Amaral —, o aluno deve saber quais são as actuais tendências de mercado. Só assim poderá melhor optar, entre as necessidades de trabalho do País e a sua vocação».

Esta publicação terá sido ideia do actual ministro, Roberto Carneiro, que durante anos efectuou estudos do género em colaboração com um grupo da Fundação Calouste Gulbenkian (Estudo «Portugal ano 2000»). Um desses estudos foi as características dominantes do emprego no fim deste século.

Teria então o futuro estudante universitário a possibilidade de não estar a tirar um curso sem grandes saídas profissionais. Neste aspecto, a situação mais grave vive-se nos cursos de Letras.

Neste sentido, Alberto Amaral diz que «o ministério acaba de criar um grupo de trabalho

para estudar soluções alternativas de emprego para estes licenciados, tendo em vista a sua colocação em sectores específicos como a banca, o património cultural, bibliotecas e arquivos».

Na sequência deste estudo, a Universidade do Porto efectuou no passado dia 18 um protocolo com a Biblioteca Nacional para informatização de todas as bibliotecas do País. «Está já prevista a primeira ligação computadorizada entre a UP e a Biblioteca Nacional».

Áreas boas/Letras más

No ensino reconhece-se a existência de muitos defeitos, não só ao nível dos alunos como do acompanhamento dos professores. Dá-se por exemplo o subsídio de interioridade a quem vai para os Açores e aquele que é destacado para Bragança ou Viseu ou Alentejo não recebe ajuda económica.

Sabe-se ainda que há neste momento perto de 7 mil licenciados de História e de Filosofia sem perspectivas de arranjar emprego no ensino durante os próximos anos. E fala-se agora sobretudo na profissionalização dos alunos das faculdades de Letras, que poderá perspectivar o anular do estado cívico que se vive ao nível do professorado.

Dal que, embora os actuais estados ministeriais possam apontar para um aumento do «numerus clausus», há cursos em que não haverá certamente essa tendência se se mantiverem os actuais horizontes de trabalho.

O reitor da UP considera haver «áreas em que o mercado de trabalho suporta esse au-



As obras neste velho e abandonado edifício universitário vão custar perto de 200 mil contos. Aqui vai ser reconvertido o velho sembo de campo Roca Nova: o Porto terá finalmente o seu plano de «urban-

mento do «numerus clausus», tais como a engenharia, a informática, as telecomunicações, gestão, e outras que estão saturadas, como Filosofia e História».

No entanto, a perspectiva poderá ser risonha tanto para

uma como para outras, ao nível do ensino, se se implementar convenientemente o aumento de anos de escolaridade obrigatória de 6 para 9 anos (conforme estipula a lei de bases do sistema educativo de 14/10/86).

«A acompanhar o decréscimo de natalidade nos portugueses, que está a ter grande impacto no ensino primário e no preparatório, com o fecho de várias escolas primárias e com outras a funcionar apenas com menos de 10 alunos —

diz Alberto Amaral — poderá haver o aumento de professores secundários».

Letras em estágio

Para «educar» o sector do ensino, os cursos de Letras das consideradas universidades clássicas vão passar a ter a profissionalização dos seus licenciados.

Alberto Amaral diz que «vai passar a haver um «numerus clausus» para os licenciados que queiram seguir o ramo educacional e consequente profissionalização, devido ao número limitado de estágios oferecidos».

Na UP serão oferecidos 150 estágios remunerados aos estudantes que tenham acabado os seus cursos neste ano lectivo. «Cada estagiário — diz o reitor — terá duas turnas a seu cargo».

Assim pretende o ministério pôr fim na procura dos licenciados pela via ensino, que tem mais pressão do que oferta. «Temos de atender que anualmente, em todas as faculdades do país — diz Alberto Amaral —, há cerca de dois mil licenciados que anualmente procuram o ensino para trabalhar. Não podemos continuar assim, há que procurar alternativas profissionais». Voltando ao tema inicial das obras na faculdade, o presidente da Câmara do Porto referiu que, através de acordos entre a entidade e a Universidade do Porto, será reaberto o Jardim Botânico.

Fernando Cabral referiu ainda recentemente estar em estudo a construção de um centro cultural e um planetário. Sobre o primeiro referia-se à casa Primo Madeira.



Com obras novas na universidade o ministério pretende colocar o ensino superior competitivo em relação ao da comunidade europeia. Exemplo disso é o prédio onde irá ser colocado o Centro de Cálculo e de Metalurgia da U. P.

Dia

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31

X